

# OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS: A NECESSIDADE DE INTEGRAÇÃO COM AS DEMAIS CAPACIDADES RELACIONADAS À INFORMAÇÃO

Coronel Fábio Ivar Cavalcante de Albuquerque

O Coronel de Infantaria Ivar é o Chefe da Seção de Preparo e Avaliação da Divisão de Missão de Paz do Comando de Operações Terrestres. Foi declarado aspirante-a-oficial em 1990 pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Foi aperfeiçoado e pós-graduado (mestre) pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), estabelecimento de ensino onde foi instrutor. Serviu nos 33º, 34º e 72º Batalhões de Infantaria Motorizado, no 52º Batalhão de Infantaria de Selva, na 1ª Companhia de Infantaria e nos Comandos da 11ª Brigada de Infantaria Leve (GLO), da 7ª Região Militar/7ª Divisão do Exército e do Comando Militar do Planalto. Possui os cursos de Operações Aeromóveis, de Análise de Riscos em Grandes Eventos e o Avançado de Operações Psicológicas (ivarcavalcante67@gmail.com).



A guerra psicológica tem sido empregada desde os primórdios da humanidade. A violência extrema foi a arma mais eficaz utilizada pelos antigos exércitos. O medo foi o aliado mais poderoso dos persas, romanos, cartagineses e mongóis, dentre outros povos conquistadores. Sun Tzu, estrategista chinês, produziu o mais antigo documento conhecido abordando as questões que envolvem estratégias de campanha. Gêngis Khan foi outro chefe militar que se utilizou da imposição do medo para alcançar seus objetivos. No Brasil, Caxias foi o maior exemplo de comandante que entendeu a importância e soube bem empregar as técnicas de Operações Psicológicas (Op Psc) [1].

Durante a 1ª Guerra Mundial, as Op Psc transformaram-se de simples instrumento eventual em um dos principais instrumentos militares. Já a 2ª Guerra Mundial foi fundamental para o desenvolvimento das Op Psc, pois proporcionou ensinamentos como o entendimento de que são uma função de comando, não podendo atuar de

forma independente. O III *Reich* utilizou-se da propaganda, desta vez de forma mais sistematizada, como sustentáculo para suas conquistas.

A propaganda nazista serviu, então, como modelo para o que, no futuro, viria a ser conhecido como Op Psc.

Tal tipo de atividade foi incorporada ao Exército Brasileiro (EB) no final da década de 1960, tendo sido substituída pela comunicação social por volta dos anos 80. A partir daí, somente foi reincorporada às atividades militares no Brasil no início dos anos 2000. Entretanto, todo o conhecimento de táticas, técnicas e procedimentos, amplamente utilizados na campanha antissubversão, foram esquecidos.

As Op Psc confundiam-se muito com a comunicação social, acreditando em duas afirmações não tão verdadeiras: a primeira dizia que a maioria das ações confunde-se com a confecção de panfletos, filmes, cartazes e *spots* rádio; a segunda que Op Psc é uma arma não letal. As Op Psc, se bem utilizadas podem ser uma das armas mais poderosas que qualquer exército pode possuir.

Devem, portanto, estar presentes nos mais altos escalões envolvidos nos combates, de forma que um comandante possa utilizar-se de qualquer meio disponível para obter resultados de cunho psicológico, considerando os diversos outros aspectos diretamente relacionados com o princípio básico de atingir corações e mentes, no sentido de mudar comportamentos. Assim, verifica-se, dentro da doutrina do EB, o reconhecimento das possibilidades desse instrumento como parte de um todo capaz de reduzir as perdas humanas e materiais, além de permitir a obtenção de vantagens militares.



Emprego de alto-falante.

## CONJUNTURA

O emprego das Op Psc vem conquistando um significativo espaço de atuação na conjuntura, onde a falta de liberdade de ação para emprego de meios cinéticos é uma realidade. As Op Psi, em um ambiente informacional, empregam de forma silenciosa seus meios operativos na dimensão cognitiva (a mente humana), considerada uma das mais importantes desse ambiente. A busca de alteração de comportamentos, capacidade de percepção, julgamento e tomada de decisão de públicos-alvo são as mais típicas formas de sua atuação.

No EB, a atividade de Op Psi vem recebendo atenção especial nos últimos anos por meio do estabelecimento de base doutrinária, estruturação sistêmica, criação de funções e cursos, além da implantação de organizações militares.

Recentemente a dinâmica dos fatos

verificados no panorama social brasileiro vem impondo desafios a essa incipiente estrutura. Entre as questões mais desafiadoras estão a forma ideal de integração nos níveis estratégico, operacional e tático dos meios de Op Psi, além da sua interoperabilidade com as demais capacidades relacionadas à informação (CRI), como a inteligência, a guerra cibernética, a guerra eletrônica, entre outras. Algumas ações devem ser visualizadas e adotadas para que ao longo da consolidação desse processo as Op Psc não se tornem o “elo mais fraco da corrente”.

Verifica-se que o perfil das operações militares em termos mundiais mudou sensivelmente, se comparado ao de algumas décadas atrás. VISACRO apud CUNHA (2011, p.39-46) chama a guerra moderna de guerra da era do conhecimento. Entre as diversas peculiaridades da guerra moderna apresentadas pelo pesquisador, devem ser ressaltados:

- flexibilidade e mobilidade das forças terrestres, que permitem o pronto desdobramento para atender contingências específicas e situações de crise localizadas;

- ênfase na luta pelo apoio da população, ao invés de ênfase na aplicação do poder bélico convencional;

- maior incidência de baixas entre os não combatentes;

- batalhas predominantemente urbanas;

- sobreposição, no tempo e espaço, dos aspectos políticos, estratégicos, operacionais e táticos, permeando toda a estrutura de comando, até os menores escalões;

- destacada participação de atores não estatais, antes, durante e após o desdobramento das tropas;

- restrições legais para a aplicação do poder de combate e a pressão da opinião pública induzem a aplicação seletiva e precisa da capacidade destrutiva com maior controle de danos e redução dos efeitos colaterais;

- indefinição dos limites temporais do início e término do conflito, e indefinição do campo de batalha (ausência de limites);

e

- operações no amplo espectro: operações ofensivas, operações defensivas e operações de cooperação e coordenação com agências, além das operações complementares de inteligência, especiais, de guerra eletrônica, de informação, de comunicação social, de assuntos civis, de assistência humanitária etc.

O componente cognitivo (a mente) dos atores envolvidos nesses cenários é um aspecto crítico para o sucesso das operações militares. As distâncias ficaram muito menores, a agilidade das forças, muito maior. Em contrapartida, a tecnologia permitiu o acompanhamento das ações em tempo real

pela mídia e pela opinião pública nacional e internacional, restringindo a liberdade de ação dos governos e das forças. Todo esse contexto mostra que, cada vez mais, há uma baixa tolerância da opinião pública ao erro nas operações.

Com isso, a atuação dos meios não cinéticos, especialmente das capacidades que atuam no ambiente informacional, das quais se destacam as Op Psi, têm recebido grande destaque em combate e até mesmo em operações de não guerra,

Na dimensão informacional todas as informações são produzidas, coletadas, buscadas, selecionadas, interpretadas, articuladas, difundidas, utilizadas e armazenadas.

A dimensão informacional é única, permanente, dinâmica, irregular, reflete conflitos de toda ordem, afeta e é afetada diferenciadamente por vários atores.

As atuações de nossas forças em cada uma das dimensões se complementam e convergem para a promoção de efeitos no espaço de batalha. Esses efeitos, em conjunto, levam ao efeito final desejado (EFD).

A dimensão informacional é, em si, também um campo de batalha.

**As operações psicológicas foram introduzidas, oficialmente, no Exército Brasileiro, no ano de 2003, com a criação da Brigada de Operações Especiais. Naquela ocasião, foi criado o Destacamento de Operações Psicológicas, embrião do atual 1º Batalhão de Operações de Apoio à Informação (1º BOAI).**

## **AS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS NO EXÉRCITO BRASILEIRO**

Durante a 2ª Guerra Mundial, as Op Psc se firmaram como um dos instrumentos relevantes no teatro de operações. Embora se saiba de sua utilização em períodos históricos remotos, foi nesse grande conflito que seu uso foi plenamente difundido tanto pelos aliados como por seus inimigos, destacando-se a larga utilização de transmissões radiofônicas, distribuição de panfletos e folhetos.

As Op Psc foram introduzidas, oficialmente, no EB, no ano de 2003, com a criação da Brigada de Operações Especiais. Naquela ocasião, foi criado o Destacamento de Operações Psicológicas, embrião do atual 1º Batalhão de Operações de Apoio à Informação (1º BOAI). Entretanto, tal atividade recebeu um caráter tático e o batalhão especializou-se na confecção de produtos de propaganda, tais como spots rádio, cartazes, *banners* e filmetes promocionais, atividades publicitárias, com viés muito mais próximo da comunicação social do que das Op Psc.



Cartazes esclarecendo a população local no Haiti.

O Destacamento de Operações Psicológicas passou a operar de forma desconexa àquela estabelecida por sua grande unidade. Da mesma forma, o EB passou a considerar as Op Psc como uma espécie de comunicação social operacional.

Tal fato se deveu ao conhecimento adquirido por militares que realizaram cursos na área de Op Psc em outros exércitos. Entretanto, deve-se destacar que Op Psc são atividades extremamente sensíveis e nenhum exército passaria tal conhecimento a militares estrangeiros. Assim, os ensinamentos reservados não foram adquiridos por aqueles militares, que trouxeram de suas empreitadas apenas o conhecimento ligado ao ramo da

comunicação social.

Dessa forma, o Destacamento de Operações Psicológicas passou a receber tarefas do Comando do Exército muito parecidas com aquelas atribuídas ao Centro de Comunicação Social do Exército (CCOMSEX), tais como confeccionar *slogans*, fazer cartazes e *banners* etc.

Mas as Op Psc realizam atividades distintas da comunicação social. Os militares que as conduzem devem ser preparados, não somente tecnicamente, mas, principalmente, psicologicamente e seu nível de comprometimento com sua missão deve ser o máximo possível.

Outro fator a ser considerado é que a simples confecção de um produto ou disseminação do mesmo não deve, necessariamente, ser realizado por militares especializados, mas sim pela tropa que opera no local ou mesmo por meios não militares, cabendo ao operador psicológico o planejamento e a criação desse produto.

Atualmente, o EB tem procurado desenvolver com mais profundidade as bases doutrinárias das Op Psc, visando ao aprimoramento dessa atividade, tanto em tempo

de paz como de guerra. O assunto, antes inserido na esfera do Sistema de Comunicação Social do Exército (SISCOMSEX), sob responsabilidade do CCOMSEX, passou a ter no Comando de Operações Terrestre (COTER) seu órgão central e a consequente criação do Sistema de Operações Psicológicas do Exército (GILSON, 2006).

A ênfase das atividades de Op Psc tem sido voltada para o desenvolvimento de produtos destinados aos diversos públicos-alvo envolvidos em um conflito, procurando definir ações sobre a população, ações sobre o adversário e ações sobre nossas tropas, durante o conflito, o que de certa forma privilegia as Op Psc de nível tático. Entretanto,

deve ser considerada a necessidade de estudos prévios para identificar as vulnerabilidades desses públicos, que poderão ser aproveitadas para facilitar a manutenção ou a mudança de atitudes.

“A propaganda é a grande ferramenta das Op Psc, mas não se deve confundi-la com a propaganda do tipo comercial, já que enquanto esta visa basicamente a influir na opção de compra de um produto, aquela procura influir em convicções mais profundas, tal como a decisão de abandonar a luta e render-se.” (Manual de Campanha C45-4

OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS, 1999)

## AS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS NO EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS

O Exército dos Estados Unidos da América (EUA) possui uma estrutura integrada de forma a atuar em proveito não só do Exército, mas também da política nacional. MONTENEGRO (2002), acrescenta que essa maneira de atuar foi incorporada após ser testada em campanha:

“[...] a doutrina de emprego do exército



Soldado americana fazendo *rapport* [5] com mulher afegã, durante ACISO.

americano foi testada em combate com grande eficiência e eficácia nos últimos conflitos de baixa e média intensidade. Atualmente, as Op Psc são empregadas para apoiar a política nacional e em apoio às operações militares, por meio de uma estrutura integrada em todos os níveis”.

As Op Psc tiveram seu auge na década de 1950, durante a Guerra Fria, com as chamadas *Black Ops*, operações clandestinas desenvolvidas pela Agência Central de Inteligência dos EUA (CIA) ao redor do mundo. Equipes de Forças Especiais eram infiltradas em países politicamente instáveis, de forma a criar condições para a obtenção de apoio popular, voltado para a manutenção de regimes capitalistas ou o surgimento de guerrilhas anti-comunistas. Um exemplo clássico foi o apoio norte americano aos talibãs, no Afeganistão, durante a ocupação soviética.

Nessa ocasião, uma intensa campanha anticomunista foi executada em todo o mundo. A indústria do cinema lançou diversos filmes demonizando os comunistas; toda a mídia foi mobilizada; e alguns políticos, a exemplo de Joseph McCarthy [2], utilizaram-se desse fenômeno de forma tão intensa, que deram início à chamada “Caça às Bruxas” e o Macartismo [3].

Os EUA desenvolveram operações de apoio aos “contras”, no Irã, com o envio de armas e suporte financeiro e o amplo emprego de forças especiais. Uma vez descoberto o esquema, houve uma crise política, que abalou consideravelmente o governo do Presidente Ronald Reagan. No episódio, a culpa foi atribuída ao Ten Cel Oliver North [4], que assumiu a responsabilidade diante do congresso americano, livrando, assim, o Presidente Reagan.

Desde então, as Op Psc têm sido realizadas de forma menos agressiva, utilizando-se de técnicas de propaganda, com objetivo, não só de obter o apoio da população residente nas áreas de conflito, mas, também, de elevar o moral das forças aliadas e reduzir a capacidade de combate do inimigo. Seu emprego tem sido mais sistematizado e o uso de ações clandestinas, reduzido consideravelmente.

As ações psicológicas foram amplamente

utilizadas nas guerras do Golfo, do Iraque e do Afeganistão, porém, agora, sob um novo enfoque, menos agressivo e de caráter não clandestino. O uso de filmes, panfletos e cartazes, aliados a ações militares e diversas outras ações, dentro e fora dos campos de batalha, deram às Op Psc lugar de destaque nos conflitos do século XXI, fazendo desse tipo de operação uma das mais importantes a serem desenvolvidas, em todas as fases da guerra moderna.

EVANS IV detalhou da seguinte forma o Sistema de Op Psc dos EUA :

“O Exército dos Estados Unidos mantém unidades de Op Psc integradas por militares e civis, componentes da ativa e da reserva, em condições de planejar e conduzir as Op Psc. Esses especialistas são adestrados para assessorar os comandantes e altos funcionários do governo no processo decisório, apoiar exercícios de treinamentos das forças militares, realizar o aconselhamento e a ajuda às forças amigas e às agências governamentais, bem como prestar o apoio aos planejamentos operacionais das tropas apoiadas, inclusive realizando o levantamento do impacto psicológico em uma determinada área operacional [...] O USSOCOM integra o Comando de Op Esp do Exército, Marinha e da Força Aérea, existindo também um Comando Combinado, que integra as Forças Singulares”. (Evans IV 1998)

Na estrutura das Forças de Op Psc dos EUA, dentro do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, o Exército desempenha o papel militar básico nas Op Psc, devido a sua base de treinamento, as missões que lhe são atribuídas e o maior número de forças atuantes.

## PROPOSTAS PARA UMA INTEGRAÇÃO SISTÊMICA

Propõe-se, inicialmente, a criação de um Centro de Operações de Informação, responsável, no que se refere às Op Psc, pela padronização de ações e procedimentos, planejamento e emprego do 1º BOAI, criação de doutrina, ensino e instrução da atividade, coordenação com as atividades de comando e controle (C2) da Força Terrestre (F Ter), e demais atividades de integração. O atual arranjo organizacional

das Op Psc no EB prevê o COTER, por meio da 4ª Subchefia, como o órgão central da atividade no âmbito da Força, criada com a finalidade de implantar e coordenar as atividades de Operações de Informação (Op Info) no EB. Influem diretamente nessa situação a necessidade de uma maior escala no desenvolvimento e padronização de sua doutrina e a necessidade da centralização das atividades de ensino (curso básico e curso avançado de Op Psc). Esses aspectos, por si, já justificariam a criação de um órgão central para a coordenação e implementação das atividades, como forma de otimizar a aplicação dos meios para as atividades de coordenação, ensino e operações. Entende-se que seria ponderável a criação de um centro que agregasse não só as atividades de Op Psc, mas também todas aquelas consideradas capacidades relacionadas à informação.

Propõe-se também a criação de destacamentos de operações psicológicas nos comandos militares de área (C Mil A), dotados de pessoal e material adequados às atividades nas suas respectivas áreas de responsabilidade. As atividades de Op Psc, atualmente, necessitam também de melhor dimensionamento dos meios (há uma sobrecarga das poucas equipes existentes no 1º BOAI), além da necessidade do maior refinamento de suas técnicas, táticas e procedimentos. Há, nos C Mil A uma carência de meios em suporte às Op Psc e a falta de um “braço executivo” (elementos especializados e capacitados para operar com o sigilo e a técnica necessária). Ao longo do desenvolvimento das Op Psc no EB foram empregados os destacamentos de

Operações de Apoio à Informação (DOAI) do 1º BOAI. Esses destacamentos realizam, durante operações reais e adestramentos, o apoio aos C Mil A de forma episódica, ao longo de curtos períodos. Essa prática é incompatível com a efetividade dos efeitos buscados nas ações psicológicas. Como forma de mitigar a situação apresentada, é interessante a possibilidade de aumentar a quantidade de DOAI no 1º BOAI, de forma a possibilitar um apoio mais efetivo e duradouro desses, ou então a criação desses destacamentos orgânicos nos C Mil A, com capacidade de trabalhar integrado às suas Companhias de Inteligências.

**A integração das operações psicológicas às operações de informação e às demais capacidades da Força Terrestre, inseridas no contexto das operações conjuntas e interagências, inclusive, em face dos cenários apresentados demonstra que somente essa integração com todos esses meios trará resultados decisivos no combate moderno.**

As Op Psc dever ser plenamente integradas às Op Info e às demais capacidades da F Ter, pois não devem existir ações de Op Psc desconectadas, nos diversos escalões, do conjunto das operações, e dos outros elementos participantes, no âmbito do EB. Atualmente, em face dos cenários apresentados no início do presente artigo, não há sentido de se falar em Op

Psc sem a integração com a inteligência e com as demais capacidades relacionadas à informação, da mesma forma como não existem forças singulares isoladas em operações conjuntas no escalão operacional. Somente atividades integradas e complementadas entre as capacidades podem oferecer uma efetiva resposta à complexidade, ambiguidade e fluidez da guerra moderna. Há que se destacar também a importância das tarefas de monitoramento, vigilância, análise e predição em suporte às Op Psc. Esse tipo de atividade requer uma estrutura tecnológica complexa e

abrangente. Esse tipo de atividade envolve o emprego de meios de tecnologia da informação em estado da arte e o emprego de mão-de-obra extremamente especializada. Certamente não é uma atividade que se realiza com “lápiz e papel”. No conjunto de atividades relacionadas à informação devem ser destacadas as tarefas relacionadas ao sensoriamento, ao processamento e à atuação dos meios. Nas Op Info essas atividades não são realizadas por atores específicos. Pode-se verificar em uma determinada operação a realização das atividades de vigilância e reconhecimento, de processamento/análise e da atuação sobre alvos por especialistas de Guerra Cibernética ou Guerra Eletrônica, ou por membros de DOAI, como também de Operadores de Forças Especiais.

Para as Op Psc, uma das atividades relacionadas à vigilância e ao reconhecimento são as operações com câmeras de combate (Op Com Cam), atividade especializada que vem obtendo consideráveis resultados em outros países. Nessa atividade as operações são acompanhadas em tempo real por equipes de especialistas dotados de câmeras e outros acessórios, com a finalidade da produção de imagens próximas à atuação das forças. A integração das Op Com Cam com as Op Psc são de vital importância para as operações militares, pois em determinadas circunstâncias, essas imagens, trabalhadas com técnicas de Op Psc, poderão por si mesmas, colaborarem com a mudança da percepção de públicos-alvo. As Op Psi do EB tiveram a oportunidade de empregar essa técnica de Com Cam em operações reais no Haiti, contando com a colaboração de elementos de guerra eletrônica.

Não se deve esquecer também do valioso suporte de informações da inteligência. Não se pode imaginar que deve haver mudanças sobre a responsabilidade de produção e análise de fontes de informação, atividade tradicional da inteligência militar. Nas Op Psc ocorre a prevalência das ações não convencionais (cinzas e negras) sobre

as convencionais (brancas). Durante as suas missões, que normalmente envolvem ampla necessidade de acesso a dados de inteligência e ao emprego de técnicas, táticas e procedimentos não convencionais, a ausência de integração é inimaginável. Sobre as atividades de análise e previsão a capacidade de emprego de técnicas estatísticas, entre outras, para a identificação e acompanhamento de padrões, inclusive com a aquisição de ferramentas específicas e desenvolvimento de metodologia e parâmetros próprios, e a adoção de um sistema de medição eficiente (emprego de indicadores-chaves em operações).

Em suma, somente uma integração das Op Psc com todos esses meios trará resultados decisivos no combate moderno. Não dá para falar de superioridade de informações sem a integração desse ferramental relacionado às Op Psc.

## CONCLUSÃO

A guerra sempre teve um componente psicológico que foi explorado com muita eficiência pelos principais líderes da história antiga.

Nos últimos anos, muito se tem falado a respeito do emprego das Op Psc como nova forma de apoio para a conquista de objetivos, tanto em conflito como em tempo de paz. Nessas situações é possível encontrar atividades oriundas dos mais diversos matizes apontadas como sendo o desencadeamento de Op Psc.

A conquista de “corações e mentes” passou a ser o lema das Op Psc em todo o mundo, deixando as mesmas de serem executadas empiricamente, para se adotar uma metodologia específica, que possibilitou a abertura de um novo horizonte a ser explorado na arte da guerra moderna.

Por sua vez, o EB, após ter olvidado o assunto por décadas, tem procurado, nos últimos anos, estabelecer as bases doutrinárias das Op Psc, bem como desenvolver esforços que facilitem o planejamento e emprego desse instrumento



de apoio ao combate. Tais esforços incluem, dentre outros, a necessidade de definição a respeito das responsabilidades e atividades a serem desenvolvidas pelos seus níveis de atuação, a saber: político, estratégico, operacional e tático.

As Op Psc devem, portanto, estar presentes nos mais altos escalões envolvidos nos combates, de forma que um comandante possa utilizar-se de qualquer meio disponível para obter resultados de cunho psicológico, considerando os diversos outros aspectos diretamente relacionados com seu princípio básico: atingir corações e mentes, no sentido de mudar comportamentos.

O assunto é complexo. As atividades de Op Psc, atualmente, necessitam também de melhor dimensionamento dos meios, além da necessidade do maior refinamento de suas técnicas, práticas e procedimentos. Esses aspectos justificam a criação de um centro para a coordenação e implementação das atividades de Op Psi, inseridas no contexto das Op Info.

Outra proposta já mencionada é a criação de destacamentos de operações psicológicas nos C Mil A, para atender à crescente demanda e trabalhando integrados

aos órgãos de inteligência, por tratarem de assuntos sensíveis.

A integração das Op Psc às Op Info e às demais capacidades da F Ter, inseridas no contexto das operações conjuntas e interagências, inclusive, em face dos cenários apresentados demonstra que somente essa integração com todos esses meios trará resultados decisivos no combate moderno.

Assim, verifica-se dentro da doutrina militar terrestre o reconhecimento das possibilidades desse instrumento como parte de um todo capaz de reduzir as perdas humanas e materiais, além de permitir a obtenção de vantagens militares. Tal assertiva vai ao encontro dos ensinamentos deixados por SunTzu, que disse: “Lutar e vencer todas as batalhas não é glória suprema. A glória suprema consiste em quebrar a resistência do inimigo sem lutar.”

Por outro lado, deve-se reconhecer que a adoção pura e simples de soluções pragmáticas, embora sejam sempre tentadoras, podem não ser suficientes. Ao se enfatizar a complexidade como ponto de partida para o estudo dos aspectos motivacionais do ser humano, procura-se evitar as soluções padronizadas com base no

cartesianismo.

## REFERÊNCIAS

- BEAUFRE, André. **Introdução à Estratégia**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.
- \_\_\_\_\_. Estado-Maior do Exército. **C 45-4: Operações Psicológicas**. 3. ed. Brasília, DF, 1999
- BROOKS Jr, Paul R.M. **Uma visão de Op Psico na era da Informação**. Military Review Brazilian, Kansas, v. 81, n. 2, p. 32-35, 2001
- DAMASCENO, Filadelfo Reis. **Caxias e as Op Psicológicas**. Revista Defesa Nacional, Rio de Janeiro, n. 732, jul. / ago. 1987.
- ESTADOS UNIDOS. **PSYCHOLOGICAL Operations: FM 33-1**. Washington, D.C., 1993.
- EVANS IV, Thomas Hamilton. **O emprego das operações psicológicas em apoio às operações especiais**. 1998. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 1998.
- GUERRA, José Arnon dos Santos. **As Operações Psicológicas no apoio ao combate ao crime organizado na cidade do Rio de Janeiro: Uma proposta**. Trabalho de Conclusão de Curso (Altos Estudos Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2004.
- LINERBAGER, Paul M. A. **A Guerra psicológica**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1962.
- MONTENEGRO, Pedro Celso Coelho. **O emprego das Operações Psicológicas nas hipóteses de emprego prioritárias do Exército Brasileiro**. Trabalho de Conclusão de Curso (Altos Estudos Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2002.
- OLIVEIRA, Clynsion Silva de. **Operações Psicológicas no Exército dos Estados Unidos: Uma Descrição Analítica**. In: Seminário de Operações Psicológicas do Ministério da Defesa. Abril de 2006. Goiânia.
- OLIVEIRA, Gilson Passos da. **A Integração das Operações Psicológicas Estratégicas com as Táticas**. Trabalho de Conclusão de Título de Mestrado em Ciências Militares – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2006.

## NOTAS

[1] O MD35-G-01 Glossário das Forças Armadas define Operações Psicológicas como operações que incluem as ações psicológicas e a guerra psicológica e compreendem ações políticas, militares, econômicas e psicossociais planejadas e conduzidas para criar em grupos - inimigos, hostis, neutros ou amigos - emoções, atitudes ou comportamentos favoráveis à consecução de objetivos nacionais. São ainda procedimentos técnico-especializados, operacionalizados de forma sistematizada para apoiar a conquista de objetivos políticos ou militares e desenvolvidos antes, durante e após o emprego da força, visando a motivar públicos-alvos amigos, neutros ou hostis a atingir comportamentos desejáveis.

[2] Joseph Raymond McCarthy (1908 a 1957) foi um político norte-americano, senador do Estado de Wisconsin entre 1947 e 1957. Graduou-se em Direito em 1935 e em 1939 foi eleito o mais jovem juiz da história do estado. Aos 33 anos, McCarthy inscreveu-se como voluntário no Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos e serviu durante a Segunda Guerra Mundial. Em fevereiro de 1950 McCarthy subitamente se destaca no cenário nacional ao afirmar em um discurso que tinha uma lista dos “membros do Partido Comunista e dos membros de uma rede de espionagem” empregados dentro do Departamento de Estado Norte Americano. Devido as tensões da Guerra Fria que alimentaram temores de subversão comunista generalizada, a declaração de McCarthy o transformou na figura pública mais visível. Passou a ser conhecido por suas declarações de que havia um grande número de comunistas, espões soviéticos e simpatizantes dentro do governo federal norte-americano.

[3] Macartismo é um termo que se refere à prática de acusar alguém de subversão ou de traição sem respeito pelas evidências. Caracteriza-se por uma acentuada repressão política aos comunistas, assim como por uma campanha de medo à influência deles nas instituições estadunidenses e à espionagem por agentes da União Soviética.

[4] Oliver Laurence North (1943 ...) é um ex coronel dos fuzileiros navais dos Estados Unidos. Atualmente é um comentarista político conservador, apresentador de televisão, historiador militar e autor de livros. Foi membro do Conselho de Segurança Nacional nos anos 80 e ficou notório por sua participação no Caso Irã-Contras. O escândalo envolvia ajuda clandestina na forma de venda de armas à República Islâmica do Irã, para tentar conseguir a soltura dos reféns americanos no Líbano. Oliver North também formulou segunda parte do plano, que envolvia a venda de armas em apoio aos rebeldes Contras na Nicarágua. Mais tarde ele passou a escrever livros e contribuir com aparições na rede de televisão conservadora Fox News, onde chegou a ter um programa próprio.

[5] *Rapport* é um conceito originário da psicologia que remete à técnica de criar uma ligação de empatia com outra pessoa. O termo vem do francês *rapporter*, cujo significado remete à sincronização que permite estabelecer uma relação harmônica.

